

Músico, ator e compositor é atual diretor cultural do Multipalco - complexo ligado ao Theatro São Pedro, onde residiu na infância

Reportagem Cultural

Álvaro RosaCosta: o fazedor de trilhas

Priscila Pasko, especial para o JC

O ator, cantor, compositor e sonoplasta Álvaro RosaCosta relembra alguns episódios marcantes de sua infância, enquanto conversa com a reportagem no quintal de sua antiga casa. Com o dedo indicador, ele desenha no ar retas e curvas nas diferentes direções onde ocorreram os eventos. Corredores, vizinhos, janelas, cães, visitas, uma paineira. Foi ali, em 1967, que ele nasceu e morou com os avós e os pais, até 1972.

Desde então, o lugar sofreu mudanças significativas. Mas o Theatro São Pedro, prédio que acolheu a família de Álvaro por décadas, não deixa de ser o lar onde ele foi criado. "Moravam outras famílias aqui no teatro. Volta e meia algum vira-lata passava pelo palco", conta Álvaro. Os cômodos se distribuíam por diferentes espaços do prédio. O próprio diretor do teatro daquela época, Dante Barone (1907 – 1986), morou no prédio por um período.

A trajetória cíclica do tempo se manifesta de maneira notória na carreira do artista. O vínculo que parecia pertencer ao passado volta repaginado para visitar o presente, pois, desde meados do mês de maio, Álvaro é o novo diretor cultural do Multipalco Eva Sopher, voltado ao fomento da cultura afro-brasileira. "Talvez eu seja o primeiro diretor artístico negro a ocupar este cargo no teatro. Espero que isso abra a porta a outros", comenta Álvaro. O presidente da Fundação Theatro São Pedro, Luciano Alabarse, ressalta que o

olhar de Álvaro será determinante para as ações que serão implementadas. "Tenho total confiança na sua capacidade de gerar projetos que valorizem nossos artistas negros".

São 30 anos de carreira – contados a partir do recebimento do primeiro cachê – dedicados à atuação, no teatro e no cinema, à criação de trilhas sonoras, e à música, como compositor e cantor. São dezenas de prêmios ou homenagens. "Eu parei de contar, mas são mais de 30", arrisca.

Para o ator, diretor e dramaturgo Nelson Diniz, a diversidade artística de Álvaro, "seja na música para teatro, seja na atuação ou em qualquer outra área, está relacionada à sua curiosidade, à investigação e à inquietação no que se propõe a criar. Sempre na linha do desafio, como deve ser o trabalho de um bom artista", ressalta Diniz. Os dois são amigos de longa data, dentro e fora dos palcos e das telas.

Há uma década Álvaro integra o coletivo de experimentação em dramaturgia Gompa, atuando na sonoplastia. Assumindo a mesma função, Álvaro também acompanha os ensaios do espetáculo de dança *Sambaracotu*, dirigido pela coreógrafa Carlota Albuquerque e pela cantora, pianista e compositora Simone Rasslan. A atração, que volta em cartaz após sete anos, também conta com a direção e trilha de Álvaro. Paralelamente, o artista segue produzindo trilhas para diversos grupos teatrais, de dança e para o cinema.

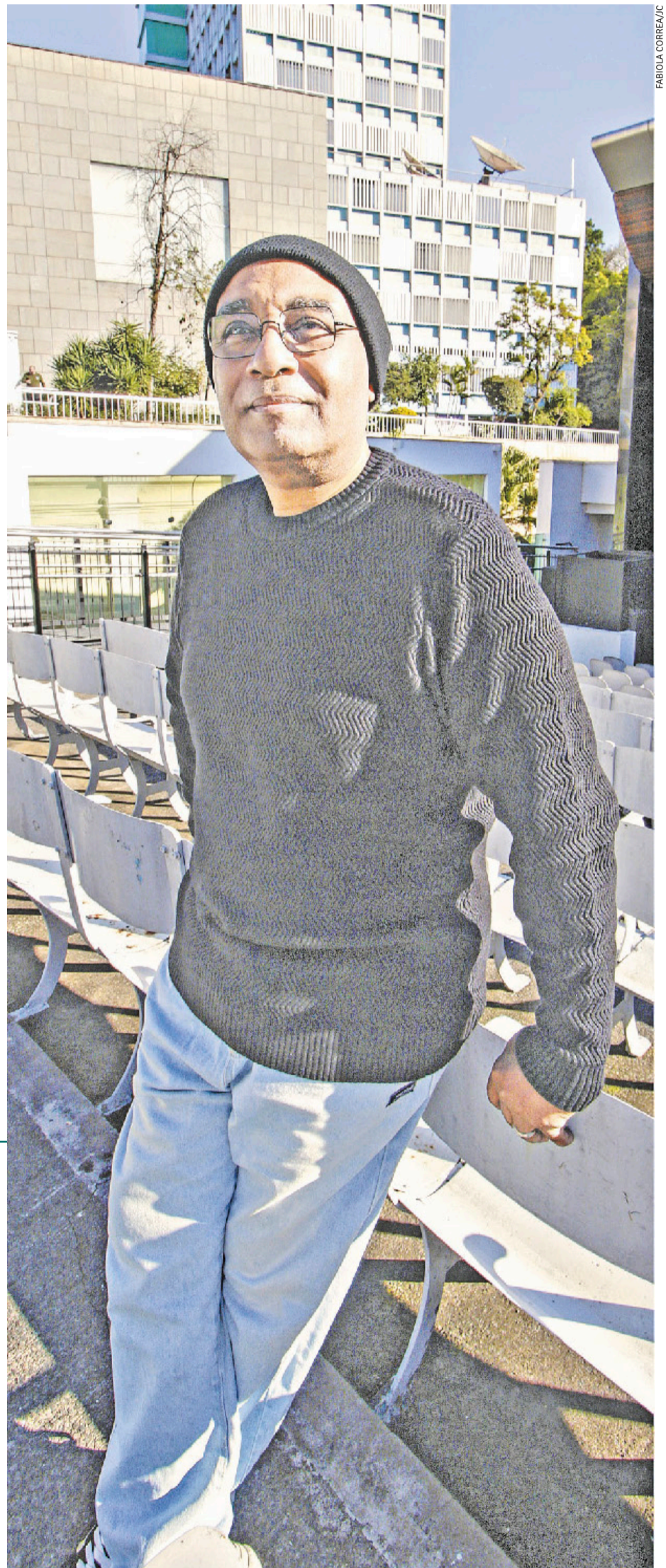
[Leia mais na página central](#)

Os guardiões do teatro

O primeiro espetáculo que Álvaro RosaCosta participou em sua vida foi no Theatro São Pedro, representando Baltazar, um dos reis magos. Era uma apresentação de final de ano do jardim de infância. "Eu me lembro que saía no meio dos ensaios, descia a escada e ia pra casa", ou seja, o mesmo prédio. Álvaro contava, então, com cerca de três ou quatro anos de idade. Na estreia, já em cena, o pequeno Baltazar vira os pais sentados na plateia e fora na direção deles. "Minha estreia foi saindo do palco e indo para o colo dos meus pais, Ailton Costa e Ivone Rosa, assistir àquela presepada que eles estavam fazendo lá no palco", se diverte lembrando.

Em 1939, o diretor do teatro, Dante Barone, procurava um zelador que tomasse conta do teatro. Chegou até o avô de Álvaro, o mecânico Manoel Pedro da Rosa, que morava em Novo Hamburgo. Aceito o convite, Manoel, a esposa Maria de Lourdes Rosa e as duas filhas do casal, uma delas, a mãe de Álvaro, Ivone Rosa, mudaram-se para Porto Alegre para morar no teatro.

Alguns anos depois, após ficar viúvo, o avô de Álvaro se casaria novamente, com Maria Gecilda da Silva Rosa, a "vó Mosa", que trabalhou como camareira do teatro. E, ali, nasceram o tio de Álvaro, Manuel Luiz, e Álvaro. "Eu nunca imaginei que morasse em um teatro. Para mim, era uma casa. Eu me dei conta onde eu morava na adolescência já".



crítica



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Relendo Jorge Andrade

A dramaturgia brasileira - que, ao contrário do que muitos podem pensar, não é nada pobre, se considerarmos todo o ciclo produzido a partir dos anos 1960, com Boal, Guarnieri e Vianinha (e, depois, com Chico Buarque, excelente dramaturgo, com um caminho muito pessoal em sua criação, e Naum Alves de Souza, por exemplo) - tem em duas revelações da primeira metade do século XX, Nelson Rodrigues e Jorge Andrade, seus dois maiores dramaturgos. A complexidade da obra de cada um deles coloca-os ao lado daqueles outros poucos que, em cada país, foram capazes de inscrever seus nomes na ribalta do teatro, como, no caso dos EUA, Arthur Miller, Eugene O'Neill ou Tennessee Williams. No caso brasileiro, isso é mais notável pela evidente falta de apoio ao desenvolvimento artístico, em especial no que se refere ao teatro, cujas realizações, por mais simples que sejam, sempre custam um bom dinheiro (uma das armas, aliás, usadas pela ditadura pós-1964, como ocorreu com *Calabar*, que levou à falência Fernando Torres, marido de Fernanda Montenegro, ao ser proibido um dia antes de sua estreia).

Tenho enorme admiração por Nelson Rodrigues, um portentoso pioneiro, o dramaturgo que melhor soube compreender, até hoje, as idiossincrasias do ser brasileiro, abordando diferentes aspectos dos arquétipos nacionais. Mas, do ponto de vista da densidade, a criação consciente, penosa, filosófica e politicamente colocada, sem dúvida alguma a dramaturgia de Jorge Andrade lhe supera. Jorge Andrade propôs-se a fazer - e concretizou - um projeto que nenhum dramaturgo, em país algum do mundo, alcançou realizar: uma síntese da história do País através de uma série de peças teatrais. No romance, temos gente como o norte-americano John dos Passos, que cobriu cerca de dois séculos da história de seus país com uma trilogia admirável. Erico Verissimo, no Brasil, fez o mesmo, em relação ao Rio Grande do Sul, em particular. Mas ninguém, à exceção de Jorge An-

drade, realizou esta façanha na dramaturgia. Jorge Andrade, com o conjunto das dez peças de teatro reunidas sob o título geral de *Marta, a árvore e o relógio*, alcançou este desafio. Honoré de Balzac organizou sua inigualável *Comédia humana* depois que já tinha escrito boa parte dos romances, novelas e contos que a compõem. O mesmo ocorreu com Jorge Andrade, que, depois de já ter estreado alguns de seus textos, reescreveu-os e reorganizou-os de maneira que formassem uma coleção capaz de traduzir os processos de formação da identidade brasileira, a partir de suas duas raízes, a mineira e a paulista, contando com a contribuição dos imigrantes portugueses, italianos, os escravos africanos e os nativos indígenas.

O diretor gaúcho de teatro Antonio Gilberto, hoje radicado no Rio de Janeiro, além de espetáculos marcantes como *A primeira valsa*, *Yerma* e *Maria Stuart*, além de ter sido diretor do Centro de Artes Cênicas da Funarte, lecionando hoje na Casa das Artes das Laranjeiras, publicou, no ano passado, o livro intitulado *O rasto atrás de Jorge Andrade*, em que, a partir de seus estudos acadêmicos de mestrado e de doutorado, analisa cuidadosamente a obra dramática de Andrade, tendo como cerne a peça *Rasto atrás*, talvez a mais fortemente autobiográfica de todas. O livro, publicado pela Mauad, do Rio de Janeiro, tem mais de 300 páginas e é um trabalho exaustivo de pesquisa e reflexão crítica. Se Jorge Andrade podia se queixar de ser pouco encenado (suas obras possuem muitos personagens e são tecnicamente complexas, o que as encarecem), não pode dizer que não é estudado (e bem estudado, diga-se de passagem).

O texto de Gilberto nem é tão longo, pouco mais de uma centena de páginas, mas os anexos e apêndices são uma preciosidade. Antonio Gilberto reuniu, num único lugar, todo aquele material disperso produzido em torno do dramaturgo paulista. Por isso, desde seu lançamento, *O rasto atrás de Jorge Andrade* se tornou um livro obrigatório para quem queira conhecer a dramaturgia brasileira moderna.

Jorge Andrade fez o que nenhum dramaturgo, em país algum do mundo, alcançou: uma síntese da história do Brasil através do teatro

acontece

RAUL KREBS/DIVULGAÇÃO/JC



Músico e compositor é um dos nomes fundamentais da música urbana do Rio Grande do Sul

Empresa paulista adquire catálogo de Frank Jorge

Empresa baseada em São Paulo, a Nas Nuvens Music Group (NNMG) oficializou a aquisição do catálogo editorial e fonográfico de Frank Jorge, um dos principais nomes do rock gaúcho. A negociação coloca sob gestão da companhia uma obra que ajudou a consolidar a identidade da música produzida no Rio Grande do Sul.

Fundador da Grafórreia Xilarmônica e ex-integrante dos Cascavelletes, Frank Jorge construiu uma trajetória marcada pela mistura entre referências da Jovem Guarda, do pop britânico e da cena musical porto-alegrense. Incluso na obra está *Amigo Punk*, canção considerada uma das mais emblemáticas do rock gaúcho e uma das mais regravadas na produção musical sulista.

Fundada em 2021 pelos sócios-diretores Liminha, Ricardo Queirós, Jason Eliassen e Gabriel Sacardo, Nas Nuvens Music

Group administra hoje mais de 80 catálogos musicais, incluindo artistas como Gilberto Gil, Charlie Brown Jr e Arlindo Cruz, e mantém parceria com a empresa dos EUA Primary Wave, que administra a obra de Bob Marley, Prince e Whitney Houston.

A operação faz parte da estratégia de ampliar a atuação do grupo na Região Sul e fortalecer a presença de catálogos históricos em novos mercados, acompanhando uma tendência observada no mercado musical internacional nos últimos anos, marcada pela compra e venda de catálogos de artistas consagrados. Negociações envolvendo nomes como Bob Dylan, Bruce Springsteen e Neil Young transformaram esses ativos em um segmento estratégico da economia criativa, impulsionado pelo crescimento do *streaming* e pela demanda por licenciamentos para produções audiovisuais.

Banana exposta como obra de arte é furtada de museu francês

O museu Centre Pompidou-Metz, na França, abriu um boletim de ocorrência depois que a obra *Comedian*, do italiano Maurizio Cattelan, foi furtada. O trabalho consiste em uma banana presa na parede com uma fita isolante.

Em um comunicado, a instituição condenou o furto, afirmando que esse ato compromete o respeito às obras e priva temporariamente os visitantes de parte da experiência proporcionada pela exposição.

O trabalho de Cattelan tem como objetivo questionar a noção de arte e o valor das obras artísticas. Por esse motivo, tem gerado controvérsia desde que foi apresentado pela primeira vez na feira Art Ba-

sel, em 2019. À época, o trabalho foi posto à venda por US\$ 120 mil.

Essa, aliás, não foi a primeira vez que a obra sofreu reverses. Em julho do ano passado, por exemplo, um visitante comeu a fruta, de modo que a instituição precisou substituí-la.

À época, Cattelan disse que ficou decepcionado porque o visitante havia consumido apenas a banana, e não a fita adesiva também.

Quem também devorou a fruta foi Justin Sun. Em 2024, o empresário chinês decidiu comer uma versão da obra após arrematá-la por US\$ 5,2 milhões, cerca de R\$ 31 milhões, em valores atuais.

fique ligado

Nei Van Soria com áudio em espanhol

Fundador da TNT e dos Cascavelletes nos anos 1980, Nei Van Soria trará ao Teatro de Câmara Túlio Piva (República, 575), neste sábado, às 21h, um espetáculo que dialoga diretamente com seu último álbum solo *Latinoamericano*, de 2026, em que revisita canções marcantes da sua carreira em versões cantadas em espanhol, como *Jardim Inglês*, *Você e Eu*, *O Tempo*, *Isso Inclui Você*, *Jessica Rose* e *Lobo da Estepe*.

Cantando em outro idioma, Nei Van Soria, após mais de 40 anos de carreira, tenta um olhar diferente sobre sua carreira e promove um intercâmbio cultural para um novo público, sem perder sua essência. Ainda há ingressos disponíveis pela plataforma Sympla, variando entre R\$ 100,00 e R\$ 220,00.



ANDRÉA GRAIZ/DIVULGAÇÃO/JC

Show *Latinoamericano* acontece no sábado no Teatro de Câmara Túlio Piva

Celebrando a nova vida da Reação em Cadeia

A banda Reação em Cadeia tem reencontro marcado com os fãs de Porto Alegre nesta sexta-feira, no Araújo Vianna (Osvaldo Aranha, 685), com show da turnê *25 Vezes Reação*.

O projeto revisita as diferentes fases da banda liderada por Jonathan Dörr, reunindo os principais sucessos e momentos importantes da carreira. Os ingressos estão disponíveis pela plataforma Sympla, na bilheteria oficial do Auditório Araújo Vianna e na Loja Planeta Surf Bourbon Wallig, variando entre R\$ 160,00 e R\$ 400,00.

Durante o hiato da Reação em Cadeia, o vocalista se dedicou a banda Ego Kill Talent, projeto de expressão internacional que dividiu palco com nomes do rock como Metallica, Pearl Jam e System Of A Down.

Jazz moderno com sotaque francês

Neste sábado, às 19h, o duo francês de jazz contemporâneo NoSax NoClar se apresenta pela primeira vez em Porto Alegre, em show no Instituto Ling (João Caetano, 440). Ingressos custam entre R\$ 30,00 e R\$ 60,00 e estão à venda no site do centro cultural.

Formado pelo saxofonista e clarinetista Bastien Weeger e pelo *beatboxer* e especialista em clarinete baixo Julien Stella, o duo criado em 2018 conta com três álbuns - *Kahmsin* (2020), *Red Sisters* (2021) e *No Dahiss* (2023). Suas composições evo-

cam um repertório imaginário que transita com naturalidade por matrizes do jazz moderno e por tradições musicais celtas, turcas, berberes e armênias, executadas com presença cênica pelos artistas. No espetáculo deste sábado, a dupla ainda irá dispor de um tempo antes do início da programação para que pessoas com deficiência visual possam tocar nos instrumentos. Neste caso, os interessados devem agendar antecipadamente por e-mail (instituto.ling@institutoling.org.br) ou WhatsApp (51 99528-2738).



JEFRABILLON/DIVULGAÇÃO/JC

Duo francês de jazz contemporâneo NoSax NoClar estará no Instituto Ling

Feira criativa para artistas trans

A 5ª edição da Feira da Visibilidade Trans acontece neste próximo sábado, a partir das 10h, na Travessa dos Cataventos, localizada no térreo da Casa de Cultura Mario Quintana (Rua dos Andradas, 736). O encontro promovido pelo Coletivo Visibilidade Trans tem entrada gratuita, e reúne artes de pessoas trans, não binárias e travestis de Porto

Alegre, em uma programação que integra a agenda do Mês do Orgulho LGBTQIAPN+.

Durante o evento, o público poderá adquirir trabalhos de diferentes linguagens, como pintura, cerâmica, desenho, fotografia e literatura, além de assistir às performances de artistas locais. Em caso de chuva, o evento será transferido para o sábado seguinte.

Noite de samba e pagode no Araújo Vianna

Dois dos principais nomes do samba e do pagode na atualidade, os cantores, compositores e instrumentistas Tiee e Thiago Soares desembarcam em Porto Alegre para uma apresentação no Auditório Araújo Vianna (Osvaldo Aranha, 685) neste sábado, às 21h. Ingressos entre R\$ 75,00 e R\$ 800,00 pelo Sympla.

Reunindo sucessos recentes e canções consolidadas nas plataformas digitais e na programação das rádios FM de todo o País,

a dupla apresentará seus shows completos. Com mais de duas décadas de trajetória, Tiee deve apresentar um repertório marcado por hits como *Moça*, *Porradao* e *Lugarzinho*, além de músicas que se tornaram famosas nas vozes de Arlindo Cruz e Péricles. Já Soares subirá ao palco para celebrar mais de 15 anos de carreira, com um show que percorre a sua fase solo e momentos em que esteve à frente dos grupos Bom Gosto e do Clareou.

AGENDA

SEXTA-FEIRA, 05 DE JUNHO

🕒 **19h** - Comédia teatral *Casamento Aberto*, *Quase Escancarado* está no Teatro Oficina Olga Reverbél (Riachuelo, 1.089). R\$ 80,00 no site do Teatro São Pedro e na bilheteria do Multipalco. Repete sábado e domingo, 19h.

🕒 **20h** - *Onde Está Cassandra?*, de Cassandra Calabouço e Diego Mac, traz cinco Drag Queens em coreografias, cenas e números de lipsync. No Teatro do CHC Santa Casa (Independência, 75). R\$ 50,00 no Sympla. Repete sábado, 20h.

🕒 **20h** - Rock independente das bandas Exclusive Os Cabides (SC) e Pelados (SP) é atração no 512 Espaço Cultural (João Alfredo, 512). R\$ 50,00, em segundo lote, no site Gandaya. Só serão vendidos ingressos no local em caso de disponibilidade.

🕒 **20h** - Ana Rosa, Helena Ranaldi e Fernanda Nobre conduzem o espetáculo teatral *Três Mulheres Altas*, de Edward Albee, em cartaz no Teatro Simões Lopes Neto (Riachuelo, 1.089). De R\$ 50,00 a R\$ 250,00, no site do Teatro São Pedro e na bilheteria do Multipalco. Repete sábado (20h) e domingo (18h).

🕒 **21h** - Projeto de música instrumental brasileira formado por Bethy Krieger e Luizinho Santos, InDuo toca MPB e Jazz no Café Fon Fon (Vieira de Castro, 22). A partir de R\$ 36,00 no Sympla.

SÁBADO, 6 DE JUNHO

🕒 **21h** - Luana Pacheco e Orquestra Folie apresentam tributo a Édith Piaf no Grezz (Almirante Barroso, 328). R\$ 70,00 no Sympla.

🕒 **21h** - Orquestra Típica iQueSeaTango! explora as sonoridades do Rio da Prata em show no Café Fon Fon (Vieira de Castro, 22). R\$ 60,00 (antecipados), mais informações em (51) 99880-7689.

DOMINGO, 7 DE JUNHO

🕒 **17h** - Cantora e compositora indígena Tainara Takua, da etnia Guarani Mbya, e o violeiro Ivan Vilela são atração do Projeto Sonoridades no CHC Santa Casa (Independência, 75). Gratuito, mediante reserva no Sympla.

reportagem cultural

FABIOLA CORREA/JC



No limiar da possibilidade

Álvaro RosaCosta soma três décadas de carreira, em especial junto ao teatro

Priscila Pasko, especial para o JC *

A escolha pelas Artes Plásticas e o seu ingresso no curso, em 1986, não foi propriamente uma questão dentro do núcleo familiar do ator, cantor, compositor e sonoplasta Álvaro RosaCosta. Não havia uma cobrança sobre qual carreira ele deveria seguir. Afinal, Álvaro acreditava, na época, que já havia chegado “no topo” de uma

condição social, visto que ele seria o primeiro membro da família a conquistar um diploma. “Tanto que, quando eu escolhi o curso, perguntei a eles se queriam que eu investisse em uma carreira que desse dinheiro ou em um na área das artes. Me falaram para fazer o que eu quisesse.”

Álvaro se formou Bacharel em Gravura (calcogravura, técnica feita a partir de uma placa de metal)

em 1992. “Na gravura eu consegui encontrar esse meio termo entre a escultura e a imagem. Tu passava a manhã inteira produzindo a chapa, gravando, usando ácidos, lidando com elementos bem poderosos. Aquilo me fascinava”, lembra Álvaro do processo que, para ele, assemelhava-se à alquimia.

É deste lugar que nasce o interesse pela experimentação, traço tão marcante no trabalho de Álva-

ro e destacado pelas pessoas entrevistadas para esta reportagem, que trabalham ou já trabalharam com ele. “Ele é um artista de múltiplos talentos”, diz a coreógrafa Carlota Albuquerque. “Por ele ter formação em artes plásticas, o Álvaro também olha para a cena partindo das imagens. Ele traz imagens do cotidiano, da rua e das que surgem na internet. Ele vai brincando como um quebra-cabeças de

possibilidades”, explica Carlota, com quem Álvaro já compartilhou diferentes trabalhos.

A música como cena

Na adolescência, a música passou a estar mais presente na vida de Álvaro. Ele aprendeu a tocar violão nos veraneios em Capão Novo, no litoral norte gaúcho, mais precisamente, no Posto 4. Era ali que acontecia a “efervescência da arte”. “Tinha música o tempo todo. Shows diários, atividade de teatro e de dança. Os veranistas de praias vizinhas iam até lá para ver de perto a função toda”, conta.

O artista ainda cursava Artes Plásticas quando, em 1989, ingressou no Coral Rio dos Sinos, em São Leopoldo. Além de partitura, aprendeu outras línguas, para que pudesse cantar em alemão, italiano e latim. Em 1990, ele começa a trabalhar profissionalmente como ator no teatro, principalmente em musicais. Apenas neste ano, foram 240 apresentações. Por essa razão, Álvaro trancou um ano da faculdade de Artes Plásticas. Em 1994, ingressou como diplomado no Departamento de Artes Dramáticas (DAD), na Ufrgs. Permaneceu até 1998, mas não foi possível continuar, pois estava envolvido em sete diferen-

tes trabalhos.

A estreia de Álvaro na criação de trilha para teatro aconteceu em 1997, com *Chapeuzinho Amarelo*, de Camilo de Lélis e Arthur Pinto. O resultado exitoso refletiu em mais dois trabalhos no mesmo ano: *A bela e a fera* (Ronald Hadde), da Cia. Teatro Novo, e *O bandido e o cantor* (Patrícia Fagundes), com trilha executada ao vivo. Neste último, Álvaro recebeu o primeiro prêmio, o de Melhor Trilha Sonora pelo Festival Vale dos Sinos.

E, desde então, somam-se dezenas de trilhas e cenas sonoras produzidas para diferentes grupos teatrais do Rio Grande do Sul. Entre as premiações, o Açorianos de Melhor Trilha Sonora Original (2004) por *Travessias*, direção de Lígia Rigo; Prêmio Quero-Quero de Melhor Trilha Sonora Original (2006) por *A Tempestade e os Mistérios da Ilha*, direção de Jezebel de Carli; Prêmio Açorianos de Melhor Trilha Sonora Original (2018) por *Inimigos na Casa de Bonecas*, com direção de Camila Bauer; Prêmio Tibicuera de Melhor Trilha Sonora Original

(2022) por *Amazônia, um olhar sobre a floresta*, direção Camila Bauer; ou ainda Prêmio Tibicuera de Melhor Trilha Sonora Original (2025) por *Vampirices*, de Guilherme Ferrêra.

Há dez anos, Álvaro integra o Gompa, coletivo de teatro experimental. Os projetos do grupo, assim como apresentam possibilidades criativas, também impõem desafios. Foi o caso do primeiro trabalho do artista no coletivo, na peça *Chapeuzinho Vermelho*, com texto do francês Joël Pommerat, e direção de Camila Bauer. “Além da trilha executada ao vivo, eu controlava quatro microfones e mais um drone que eu inventei de colocar em cena. Era um desafio técnico impressionante. Foi uma das peças que eu menos assisti, eu mais ouvia”, conta o artista. No espetáculo *Inimigos na casa de bonecas* (2017), direção de Camila Bauer – prêmio Internacional Ibsen Scholarship 2017, da Noruega – Álvaro atuou e criou a trilha simultaneamente.

A diretora Camila Bauer conta que após a experiência de *Cha-*

peuzinho Vermelho, a dinâmica proposta por Álvaro acabou sendo adotada em vários trabalhos do Gompa, com o sonoplasta operando de dentro da cena. “O Álvaro topa os desafios de resolver musicalmente questões que, às vezes, são complexas. É alguém que faz trilhas pensando na relação da música com a cena, e não como um elemento isolado”. Camila acrescenta que, com a entrada da cantora, compositora e performer Paola Kirst no coletivo, que também realiza o trabalho de sonoplastia, o jogo de improvisação da música se fez mais presente ainda.

O amigo e parceiro de trabalho de Álvaro há mais de 30 anos, o ator, diretor e dramaturgo Nelson Diniz, lembra que o sonoplasta criou trilhas para diversos espetáculos nos quais trabalhou como ator. “E, quando criamos a Cia InCoMo-De-Te, Álvaro estava lá desde da sua fundação, produzindo a sua cena sonora, como ele costuma chamar suas trilhas. Há um rigor e uma busca pela perfeição que fazem dele o imenso artista que ele é”.



Interpretando o boêmio Lupicínio Rodrigues

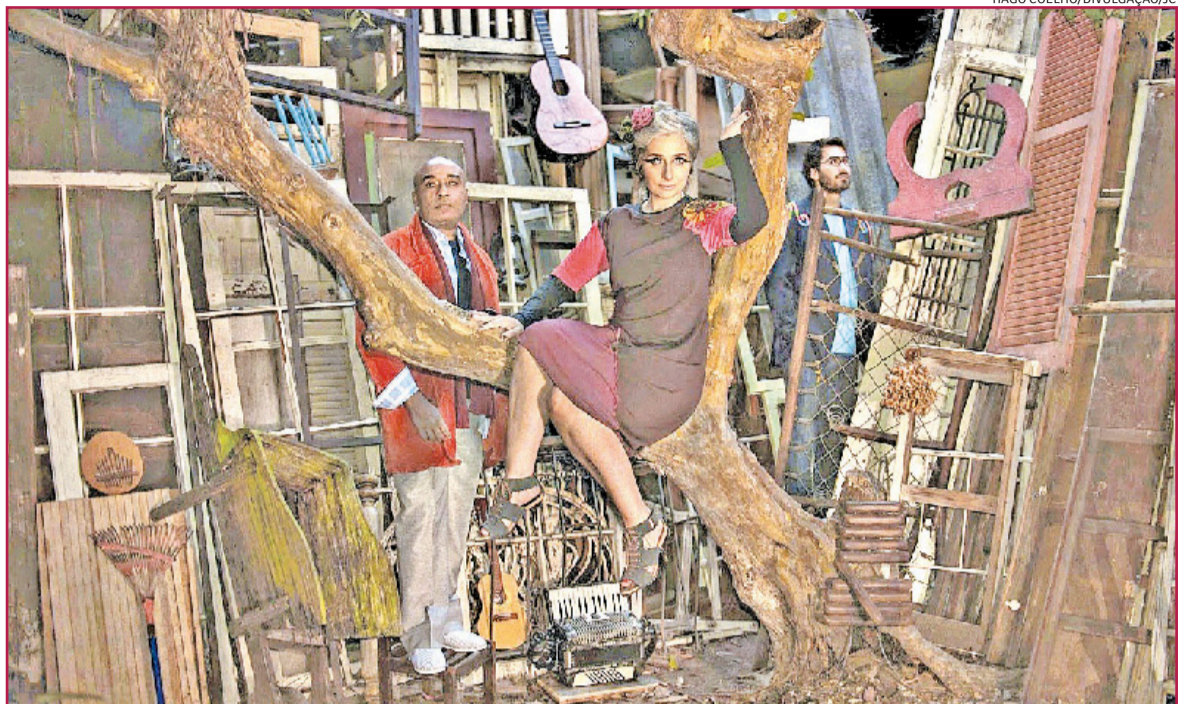
Escutar com os ouvidos da plateia

O processo de criação das trilhas de Álvaro não se dá em outro espaço que não seja o próprio palco, pelo menos a construção da essência do que o trabalho pede. A diretora Camila Bauer conta que o músico se faz presente na sala de ensaio, mantendo o diálogo, a escuta com outros elementos, como a atuação, o texto, a cenografia, o figurino e a dança.

Para Álvaro, não poderia ser diferente. “Procuro acompanhar o máximo possível os ensaios, acho isso importante não só para criar, mas, principalmente, para se comunicar. O que eu faço não é só música para teatro, é sonoridade. Exploro as sonoridades no espaço cênico”. Álvaro parte da premissa de que diretores e atores, em geral, já sabem qual objetivo almejam. A sua presença, portanto, torna-se fundamental para alinhar tal entendimento.

É justamente a premência desta participação ativa que faz o sonoplasta sair do palco para, às vezes, operar o som sentado entre a plateia. “Eu quero ter a mesma sensação de que o público está tendo. Eu quero que ele ouça o que eu estou ouvindo”, explica Álvaro.

Uma porta, para o músico, pode facilmente se converter em um instrumento, comenta a cantora, compositora e pianista Simone Rasslan. “Tudo é sobre sonoridade com o Álvaro. Ele está o tempo inteiro pesquisando o som. Às vezes, dirigindo, ele bate no volante do carro, produzindo percussão com qualidade sonora”, conta Simone que é, também, companheira de Álvaro há quase 30 anos. São diversos projetos realizados juntos em todos estes anos de convivência, mesmo naqueles em que os dois não estejam oficialmen-



TIAGO COELHO/DIVULGAÇÃO/JC

Com Simone Rasslan e Beto Chedid, na peça *Xaxados e Perdidos*; RosaCosta e Rasslan são companheiros há quase 30 anos

te compartilhando.

O espetáculo *Casa*, idealizado por Simone e a sua filha Madalena, com quem divide o palco, contou com o desenho e operação de som e direção de palco de Álvaro. Trata-se de um show intimista

que mescla canções da MPB, propondo a casa como um espaço poético. Simone comenta que, apesar de estarem apenas ela e Madalena em cena, Álvaro acaba sendo o “terceiro músico do espetáculo”. “Ele é quem nos vai dizer

as verdades, e isso é sempre muito tenso. Dizer verdades é só para quem pode e para quem a gente realmente respeita, já que não é agradável de escutar. É muito bom que seja ele, porque é muito amor que vem daí, né?”

Sobre o que um artista quer falar

São distintas as linguagens exploradas por Álvaro no decorrer de três décadas de carreira. Durante a conversa, ele reflete, cogitando que, talvez, tenha “abandonado um pouco o palco do teatro” como ator. Ultimamente, tem atuado mais em cinema do que em teatro. Ele acredita que está em busca do que dizer. “É impressionante: uma vida inteira a gente tentando descobrir o que a gente é, qual é a nossa essência, de onde a gente vem, o que a gente quer realmente falar”. É o tipo de questão que tem acompanhado o artista.

E, quando Álvaro tem a oportunidade de externar isso, acontece algo como *Sambaracotu*. Ele se refere ao espetáculo de 2019, dirigido por ele (trilha sonora também), Carlota Albuquerque e Simone Rasslan, e que, na época, contou com o Canoas Coletivo de Dança. O trabalho será retomado no final do segundo semestre deste ano com novas cenas e intérpretes. A proposta leva ao palco a dança urbana influenciada por elementos do samba, do coco e do maracatu. O sonoplasta já está participando dos ensaios.

Após algum tempo de estrada, Álvaro percebeu que a sua maneira de compor tinha a ver com a dança, uma referência ao trabalho de Carlota Albuquerque, que pensava as trilhas dos seus espetáculos em camadas. Por sua vez, Carlota, enxerga o mesmo contraponto no trabalho de Álvaro, definido pela coreógrafa como um artista visionário. “É muito raro uma pessoa como ele, porque, como artista, o Álvaro tem o olhar sensível de um diretor, a inquietação do

ator e a amplitude do músico e de um corpo bailarino. É maluco dizer isso, mas ele é puro movimento. A trilha do *Sambaracotu* é genial”.

Até chegarmos à praça do complexo cultural para a sessão de fotos, na parte externa, pelo caminho, Álvaro indicava a localização de antigos galpões que ficavam instalados ao lado do teatro e dos prédios que não existiam mais ou que passaram a existir desde a chegada da sua família ao teatro, no final da década de 1930. Os registros fotográficos feitos pelo seu avô, Manoel Pedro da Rosa - e já compartilhados por Álvaro

publicamente em uma rede social - exibem os bastidores da vivência da sua e de outras famílias que contribuíram para a manutenção de um dos espaços culturais mais prestigiados do Brasil. Pessoas que foram atravessadas, mas que, provavelmente, também atravessaram a arte.

Encerramos a entrevista, concedida no foyer do Multipalco Eva Sopher. Como um bom anfitrião, Álvaro me acompanha até próximo à escadaria que dá acesso à rua Riachuelo e nos despedimos. O artista, por sua vez, permanece no teatro. Ou melhor, em casa.

EVANDRO OLIVEIRA/ARQUIVO/JC



Álvaro RosaCosta atuando como convidado no Concerto da Orquestra de Câmara da Ulbra, em 2023



ARQUIVO PESSOAL ALVARO ROSACOSTA/REPRODUÇÃO/JC



MIRELE PACHECO/PMPA/JC

drigues em 2014, ao lado de Beto Chedid



Priscila Ferraz Pasko (1983 - Porto Alegre) é jornalista freelancer na área cultural, escritora, pesquisadora e Mestranda em Artes Visuais (PPGAV-Ufrgs), com ênfase em História, Teoria e Crítica de Arte. É autora do livro de contos *Como se mata uma ilha* (Zouk, 2019) - Prêmio Açorianos 2020 na categoria conto.



Jaime Cimenti

Livros

jcimenti@terra.com.br

As diversas facetas do medo

Um lugar ensolarado para gente sombria (Editora Intrínseca, 224 páginas, R\$ 79,90, tradução de Elisa Menezes), coletânea de contos da premiada escritora, jornalista e professora argentina Mariana Enriquez, com inspiração na tradição de romances góticos a Stephen King e Thomas Ligotti e que inspirou série da Netflix, é um verdadeiro conjunto de diversas facetas do medo, do mal e dos monstros que emergem sem aviso nas realidades mais corriqueiras.

Da autora a Editora Intrínseca já publicou no Brasil as coletâneas de contos *As coisas que perdemos no fogo* e *Os perigos de fumar na cama* e os romances *Esse é o mar* e o monumental *Nossa parte de noite*, que recebeu os prêmios Heralde de Novela e o De la Crítica em 2019 na Espanha. Sobre *Um lugar ensolarado para gente sombria*, que para muitos lembra Kafka, disse o The New York Times: Uma coleção diabólica de con-

tos com personagens profundamente humanos cujas vidas se entrelaçam com fantasmas e o macabro, da “feiticeira do horror de Buenos Aires”.

No conto de abertura, *Meus mortos tristes*, principal inspiração para a Netflix, a protagonista conversa com os fantasmas que vagam livremente por um subúrbio de Buenos Aires, entre eles o da mãe que morreu de doença dolorosa, além de outras figuras que revelam o empobrecimento da sociedade argentina. Outro conto narra como uma jornalista, que investigava o caso arrepiante da jovem que desapareceu em um hotel de Los Angeles, acaba confrontando outra lenda local. Noutro conto está a sombria história de integrantes voluntários de uma ONG que distribui alimentos em bairros pobres e são perseguidos por crianças com olhos escuros assustadores.

As histórias de Mariana são ao mesmo tempo divertidas, políticas e sofisticadamente ma-



cabras, revelando o horror do cotidiano, o surreal e o sobrenatural para lançar luz sobre as sombras da vida comum. Mariana, com criatividade narrativa e grande imaginação, inova no gênero do terror e revela, como se disse, as diversas facetas do medo.

e palavras...

FRANÇA E VERSAILLES 0800

É ótimo viajar, mesmo de ônibus para alguma cidade pequena do Interior, ou pelo teto e pelas paredes do quarto. Para outros estados brasileiros é bom também: temos muitos destinos interessantes, mas ficamos sempre de olho no exterior. Para o exterior, mesmo Argentina, Punta del Este ou Uruguai, Estados Unidos, Europa ou Oriente, com o câmbio desfavorável ao real e demais perrengues, a coisa não está fácil. Isso para não falar que tantas vezes vamos para o exterior, depois da passagem cara, visto, seguro de viagem, problemas com voos, passaporte, hotéis, restaurantes e pontos turísticos caros, e seguidamente não somos bem tratados como merecíamos. Nós, os brasileiros que pagamos caro por euros, dólares, libras e até por pesos uruguaios e argentinos. Está bem, tem o Paraguai, hoje a Suíça latina, país sério. Não toca mais Índia quando a gente abre a garrafa de uísque de lá. Eles andam reclamando de algumas falsificações nossas. Parece até livro de realismo fantástico.

Tenho a felicidade de morar no Moinhos de Vento, que parece uma Europa classe média, e estou a apenas trezentos metros do Jardim do Dmae, nossa linda e genérica Versalhes. França 0800, sem passaporte, passagem cara, visto, cartões de crédito, caixa de remédios, guia turístico, roupas especiais, e outros mil itens do *check list* de turista tipo nada accidental. Sigo pela Fernando Gomes e, logo que dobro na 24 de Outubro, vejo o plátano gigante, maravilhoso, de uns 20 metros de altura, com suas folhas douradas de outono, numa das esquinas do Jardim.

Entrando no Jardim está o fantástico Torreão, que bem

poderia estar aberto aos visitantes. Logo à direita, a Fonte dos Afluentes, com chafariz italiano e quatro estátuas em mármore de Carrara, de 1866, do arquiteto italiano José Obino, simbolizando os rios Caí, Jacuí, Sinos e Gravataí. Uma quinta estátua de menino que representava o Guaíba consta que está, não se sabe como, nas mãos de um casal de empresários, que não quer se identificar. Bem que poderiam devolver o menino para o monumento mais antigo da Capital, revitalizado há poucos dias e que, guardadas as proporções, é nossa Fontana di Trevi, sem as filas, multas e complicações da fonte de Roma.

Os gramados, o grande prédio dos fundos do Jardim e os demais detalhes foram inspirados na arquitetura e no paisagismo franceses. Rosas, camélias, palmeiras ornamentais, jacarandás, tipuanas, magnólias, figueiras de pequeno e médio porte e outras árvores nativas e exóticas estão por lá, com razoável manejo arbóreo, para alegria dos visitantes, que tiram fotos aproveitando a luz e o charme do local. Fotos essas de encontros, solidões, aniversários, formaturas, quinze anos ou caprichados registros para o gloriosos *books* das modelos gaúchas que servem de façanha para toda terra, como manda a tradição da querência das mulheres mais lindas do planeta.

Quem gosta de caminhar pode aproveitar o percurso seguro, limpo, plano e bonito de aproximados 400 metros que se faz pelas extremidades do Jardim. O Torreão e o grande prédio dos fundos foram pintados. Já não era sem tempo Na galeria do subsolo estão mais de duzentas obras de arte.

a propósito

Acho que o Dmae deveria estudar a possibilidade de permitir que visitantes subissem no Torreão, para curtir a vista, talvez até pagando pequena contribuição. Um pequeno quiosque com mesinhas, cadeiras, água, sucos, refrigerantes, café, chá, talvez bebidas alcólicas e alguns alimentos seria bem-vindo e poderia gerar recursos para

o Dmae. Fotos, pinturas, gravuras e aquarelas do Jardim e alguns *souvenirs* seriam ótimos para visitantes locais e de fora. O local merece, é um dos recantos mais bonitos, históricos e aconchegantes que temos. O Jardim merece ainda mais visita e uso saudável por parte de todos. (Jaime Cimenti)

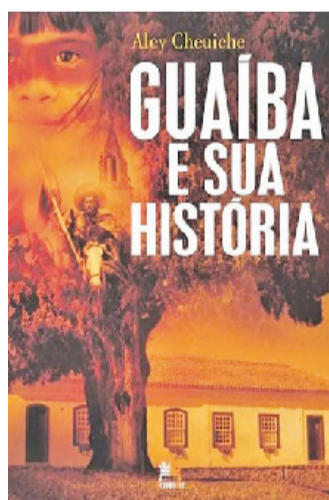
lançamentos



► **A Bolsa Amarela** (Casa Lygia Bojunga, 138 pág, R\$ 45,00), da premiadíssima escritora Lygia Bojunga, autora de 23 livros publicados em 22 idiomas, é um moderno e clássico romance infanto-juvenil sobre uma menina que entra em conflito consigo mesma e com a família, ao reprimir três desejos: vontade de ser gente grande, de ter nascido menino e de se tornar escritora. No final, ela se afirmará.



► **O Terceiro Travesseiro** (Planeta, 256 pág, R\$ 64,90), de Nelson Luiz de Carvalho, escritor e jornalista, é seu livro mais conhecido. Esta edição comemorativa (a primeira é de 1998), com novos capítulos, mostra as qualidades de quem se tornou referência na literatura juvenil e jovem adulta. A história de amor entre dois rapazes e uma garota fala de identidade, pertencimento e busca de aceitação pelos outros e por si mesmo.



► **Guaíba e sua história** (Besouro-Box, 192 pág, R\$ 74,90), do premiado escritor Alcy Cheuiche, narra a história do Berço da Revolução Farroupilha e aborda a formação do gaúcho desde os primórdios até hoje, relatando fatos históricos importantes que contaram com a participação dos guaiabenses. Alcy conta desde a chegada dos Guaranis ao local, há mais de mil anos, até os meses iniciais de 2026, ano do centenário de emancipação do município.

sangue novo

Camila Balbueno fala aos corações solitários

Andressa Pufal

Dei *play* pela primeira vez em *Por Enquanto*, último lançamento de Camila Balbueno, para produzir esta matéria. Fui capturada por um magnífico *groove* de sopros, teclas e guitarras que me seguraram na canção até o fim e me fizeram ansiosa para os próximos acordes. A voz de Camila chega entoando a composição de 2013 em uma harmonia completa. A canção, mesmo que escrita há mais de uma década, é super atual e reflete muito bem as relações amorosas dos dias de hoje - tema preferencial da compositora que “canta de amor e mata saudades”.

Entoando os versos *Me pega / Ou me larga de vez*, Camila trans-

forma em música a liquidez das relações e os obstáculos que dificultam a construção de relações profundas e duradouras, realidade que causa angústia a muitos corações solitários. “Fico feliz que mesmo depois de anos, a música consiga conversar com as pessoas e fazer com que elas se identifiquem”, comenta.

“Mas é bom, porque, no passado, parece que a pista não era tão salgada quanto hoje, então essa identificação acho que rola mais agora, mesmo”. Indagada por esta repórter, que há anos escuta tragicômicas histórias das amigas solteiras, se houve algum momento em que, de fato, a pista não estivesse tão salobra, a compositora brinca: “é, talvez a pista tenha sido sempre um gran-

de charque!”

Com referências que vão de Tim Maia a Vanessa da Mata, *Por Enquanto* traz um refrão chiclete que adoça um pouco a salmoura da letra e encontra ao fundo o auge do arranjo de sopros - uma novidade nas canções de Camila e que dá um tempero a mais à composição. Em um mundo em que “se chuta uma moita e saem 50 cantores falando sobre o amor”, Camila diz que está em constante busca pela própria voz e identidade, tentando encontrar sua forma singular de falar sobre o tema mais universal do mundo humano.

“A forma que eu encontrei para fazer isso é me aprofundando mais no que eu acho que é o amor e o que ele significa. Desconstruindo um pouco o que a gente entende do que é o amor. Questionando as coisas que a gente vê em comédias românticas. Será que aquilo é bacana quando aplicado na realidade?”, reflete.

Com mais de uma década de trajetória na cena independente, a cantora tentou de toda a forma fugir da vida artística, apesar de vir de uma família que sempre a incentivou a seguir na música (“era engraçado: quando eu era crian-



Último lançamento da cantora é a faixa *Por Enquanto*, disponível para *streaming*

ça, às vezes eu cantava no banho e depois meu pai vinha dizer ‘ó, tu desafinou naquela parte!’. Foi uma influência muito positiva na minha carreira”). A virada de chave veio na pandemia: “se algo acontecer comigo agora, o que eu fiz que me brilhasse o olho?” E, assim, foi atrás do que faria seu coração bater mais forte.

Hoje, Camila Balbueno cole-

ciona mais de uma dezena de lançamentos, já subiu aos palcos dos mais diversos eventos culturais do Estado e, o mais importante, sente que está seguindo no caminho certo. “Todo mundo fala o quanto é difícil viver de arte, principalmente na cena independente, e, de fato é. Mas eu acho que é muito mais difícil viver de qualquer outra coisa que não da arte.”

qual é a boa?

Toda sexta-feira, a equipe de redação do Jornal do Comércio traz sugestões para aproveitar ao máximo a agenda cultural de Porto Alegre. Teatro, música, festas, literatura, cinema, artes visuais - opção para se divertir é o que não falta!



Se você quer assistir um espetáculo potente, emocionante e divertido, precisa conferir *Onde Está Cassandra?* A montagem da Cia Macarelando celebra os 25 anos de carreira da icônica drag porto-alegrense Cassandra Calabouço em uma obra que mistura dança, teatro, estética drag, *lipsync* e coreografias marcantes. Aclamada pela crítica, a peça usa recortes do diário da artista para narrar memórias e resistência de forma sensível e cômica através de cinco corpos diversos em cena. O espetáculo acontece nesta sexta e no sábado, sempre às 20h, no Teatro do CHC Santa Casa. Ingressos pelo Sympla. Garanta o seu e prestigie a arte local!

Adriana Lampert,
repórter de Cultura-JC



Para quem procura uma pistinha para curtir pós-punk, waves, krautrock e electro, a festa Sintoma, que rola na sexta-feira no Panamá Studio Pub, é a pedida. O evento, que volta após nove meses, é idealizado pela DJ, produtora e designer luizapads, que terá ao seu lado a DJ paulista Camilla Jaded e Jonas Dpsmkr, um já conhecido da cena *underground* porto-alegrense. Jonas, além de guitarrista da banda The Completers, era residente da saudosa festa BREU. Garantia de um som muito bem curado e diferente, uma festa perfeita para quem já está habituado com esse ambiente e também para quem busca uma aventura sonora. Entrada livre, com contribuição espontânea.

Joana Luna Camargo,
repórter-aprendiz do JC



O Grezz tem sido um dos lugares mais legais para curtir boa música ao vivo em Porto Alegre, na minha modesta opinião. Sou suspeita para falar, porque adoro jazz e blues. Mas, nesse sábado, a atração apela para uma das minhas paixões musicais: a canção francesa (fui professora de francês durante alguns anos). E é justamente da consagradíssima Édith Piaf, com seus temas românticos, nostálgicos e sofridos, o repertório trazido pela cantora e compositora Luana Pacheco, acompanhada pela Orquestra Folie. Em *Édith Piaf: uma história contada em canções*, a gente poderá conferir o cancionário de uma das principais personalidades da França do século XX.

Livia Araújo,
repórter de Cidades



Para muita gente (eu incluído), pegar um cineminha no final de semana é um hábito quase sagrado. Para quem não sabe ainda qual vai ser o filme da vez, e ainda não assistiu *Surda*, de Eva Libertad, recomendo aproveitar que ainda está em cartaz e não deixar passar. O filme aborda o capacitismo de forma ao mesmo tempo afiada e sensível, a partir da vivência de um casal (ela com deficiência auditiva, ele ouvinte) que espera a primeira filha. Os questionamentos e preconceitos da sociedade viram um peso cada vez mais angustiante para a mãe, que passa a duvidar da própria capacidade de exercer a maternidade. Filmaço, do tipo que fica na cabeça por dias depois da exibição.

Igor Natusch,
editor de Cultura do JC